

DIES IRAE I
(Dreyer)

A natureza é escassa e o sol quando brilha é baço;
é furtiva por aqui a alegria
quando quase sem aviso nos visita

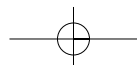
há um foco de luz a desenhar o mundo

a luz fria, a luz do desassombro:
porque a morte de Herlofs Marthe
soa e contagia

vai manhã alta no coração de Anne
e altas são as chamas do castigo
— aqui o sol é frio —
assombra-nos como um canto de rotina
Herlofs Marthe e o seu dom pressagiante

a sentença avançará com a sua luz contida
com a sua faca propícia
a sentença avançará na sua forma fria

só Anne convoca o amor, o venenoso amor
e com Martin assim caminha sobre pedras —
ao longe, o som do machado corta de frio o ar



DIES IRAE II
(Dreyer)

Onde
a chama fina dos teus olhos
pudesse arder no seu mistério? Que ar?
porque aqui, sob rostos duros, dizer amar é pestilento

vemo-los ainda avançar na adversa luz
irrevogável como o filtro feiticeiro é esta brisa
do amor, imprecavida,
de tão demasiado em si absorvida

«Anne, como terminará isto?» pergunta Martin
mas o riso de Anne tem a forma da vida

e no entanto a sentença já os habita como
entre paredes habitamos as casas e habitamos
o que herdamos no ar que sentencia

assim, que não roce o sol a fímbria do desejo
que ele se mova pela sombra, pela noite, pela escada
que o deixem secar como no verão a erva

porque esta é a natureza que sabemos, tão clara
nas palavras proferidas. E eu, Anne, já nada sei do que
de nós te disse. Desde quando te vi partir para esse lado
digo que o riso que me habita não é digno

do sonho que julguei sonhar contigo
ou sequer da ira

PEQUENA CRÓNICA DE ANA MAGDALENA BACH
(Straub e Huillet)

Assim são as coisas, a tua morte
as passagens por silêncios reservados
entre uma cidade e outra
e as diferentes fisionomias dos seus príncipes
e as necessárias formas de rogar

assim a minha prosa clara
— tão rente a quero ao mudo acontecer —
abarque o pormenor e não lhe toque;
abarque o rosto inverosímil

a fracção do acaso
sem um abrigo na frase
e o seu estar de peça descontínua

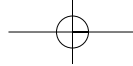
SOBRE UM FILME DE JOÃO CÉSAR

Mais tarde naquela praia estaria, vindo do mar
um pária

por agora — contra o mar, a ânfora,
a tua ânsia
a recusa dela
Senhora, ofereça-me o seu frágil passo
em falso
o pé de rosa
o pé de salsa
porque eu sei dos peixes
do fio de sangue no mármore da banca
eu sei dos pássaros e do voo que levantam
junto ao cais
eu sei do amanhado anho — Eu sou

e persistia ela: como Eu sou, Eu sou, e estou
outro modo não sei: vestal do sol

e Eu: que lugar frágil, vulnerável foi o seu, assim se vê agora
«Les rois ne touchent pas aux portes», escreveu Ponge
desconhecem o prazer de as tomar nos braços



«MADAME DE...» (MAX OPHULS)

I

Há um plano em que Louise passa tendo o mar por fundo
como se no mar escutasse a graça desterrada
a graça exilada que de si não sabe

Leviana como a pedra é a impossibilidade que pede
por perder-se

no que no mar ouvia: o som da teimosia
sem terra como aquela em que
leviana ia
(chamo-me Leviana, a partir do dia)

ligeiro é o coração do brinco que nos mata,
tão fino e cortante é o fio do diamante

II

Poderemos sempre dizer que mísera pedra a leva
mas o brilho do diamante não é um brilho da terra
e tudo nos apressa quando é rara a peça
com que brinco

não era negro o canto ou o brilho um logro
tão só inegociável quando
um fio
de diamante é a tentação em jogo

